



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas**

**LUÍZA BERNARDO BORGES**

***A variação do uso das preposições *a/para/em* com o verbo *ir* de movimento***

**Brasília, 2014**

LUÍZA BERNARDO BORGES

**A variação do uso das preposições *a/para/em* com o verbo *ir* de movimento**

Trabalho de conclusão de curso de  
Graduação apresentado ao  
Departamento de Linguística,  
Português e Línguas Clássicas do  
Instituto de Letras da Universidade de  
Brasília, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.  
Rozana Reigota Naves.

Brasília, 2014

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>3</b>
<b>Capítulo 1. As Preposições.....</b>	<b>7</b>
1.1 Variação linguística.....	7
1.2 Estudo diacrônico das preposições.....	9
<b>Capítulo 2. Relato da coleta de dados.....</b>	<b>13</b>
2.1 Metodologia, variáveis e hipóteses.....	13
2.2 Análise e resultados.....	14
2.3 Conclusão.....	21
<b>Capítulo 3. O verbo <i>ir</i>.....</b>	<b>23</b>
3.1 Os estudos de Silva (2014) e Eugênio (2004).....	23
3.2 Aplicação das categorias de análise do verbo <i>ir</i> nos trabalhos teóricos aos resultados da pesquisa sociolinguística.....	31
<b>Considerações finais.....</b>	<b>34</b>
<b>Referências.....</b>	<b>36</b>
<b>Anexo.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar o uso das preposições *a*, *para* e *em* com o verbo *ir* de movimento, utilizando como referencial teórico, além de gramáticas e trabalhos acadêmicos sobre o assunto, a sociolinguística paramétrica (Kato e Roberts, 1996). Além disso, apresentamos dados coletados em uma pesquisa feita previamente com 12 falantes do português brasileiro.

É possível notar, no português brasileiro, a alternância que há no uso das preposições que regem o verbo *ir*. No ambiente de sala de aula, por exemplo, um aluno pode pedir para ir *à* cantina, *pra* cantina ou *na* cantina; ou para ir *ao* banheiro, *no* banheiro, *para* o banheiro, pois, na fala, é evidente a alternância entre as preposições *a/para/em*.

Apesar dessa possibilidade, as gramáticas tradicionais (daqui em diante, GTs) prescrevem a seleção da preposição *a* para o verbo *ir* de movimento, o que tornaria incorreta, numa perspectiva normativa, a construção *ir na cantina/no banheiro*. A seleção adequada da preposição que acompanha o verbo se denomina, na tradição gramatical, regência verbal, isto é, a dependência sintática entre duas palavras, no caso, o verbo e a preposição.

Cunha e Cintra (1985) ensinam que, em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, ou seja, relacionam-se entre si para formar um todo significativo. Para os autores, regência é essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento à outra: “A palavra dependente denomina-se regida, e o termo a que ela se subordina, regente” (op. cit. p. 505). As relações de regência podem ser indicadas, segundo os autores:

a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração; b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência; c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto. (CUNHA e CINTRA, 1985, p.505)

Cunha e Cintra (1985) explicam, ainda, que a regência verbal, que é a ligação do verbo com o seu complemento, ocorre diretamente (sem uma preposição intermediária, quando o complemento é objeto direto) e indiretamente (mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é objeto indireto).

Em contraposição, já existem alguns manuais de gramática que, embora seguindo um modelo tradicional, apresentam uma abordagem menos normativa, trazendo a prescrição de forma mais amena. É o caso da gramática de Ferreira (2003), adotada por algumas escolas de Ensino Médio, que define a regência com conceito semelhante ao de Cunha e Cintra (1985), mas que inova ao apresentar a diferenciação entre a regência na língua culta e na língua coloquial:

Regência é a relação de interdependência que se estabelece entre as palavras quando elas se combinam para formar os enunciados linguísticos (frases, orações, etc.). A regência sempre estabelece uma relação entre um termo principal (termo regente) e um termo que lhe serve de complemento (termo regido). (FERREIRA, 2003, p.553)

No que diz respeito ao verbo *ir*, esse autor apresenta exemplos como: *Nas férias, iremos no Pantanal* (língua coloquial) e *Nas férias, iremos ao Pantanal* (língua culta), deixando claro que as duas formas são possíveis; porém, o padrão prescrito pela GT estipula que o verbo *ir* exige a preposição *a* introduzindo o locativo. Por fim, Ferreira (2003) afirma que o verbo *ir* também admite a preposição *para* e exemplifica: *Nossos amigos irão para o exterior*. Apesar de diferenciar o uso das preposições como língua culta e língua coloquial em certos casos, o gramático não registra nenhuma diferença de significado entre as preposições.

Para analisar um fenômeno de variação linguística é preciso buscar, nas gramáticas tradicionais, a fundamentação teórica em que se baseia o conceito de "certo" e "errado", que leva em conta o prestígio e não a língua em uso pelo falante. Segundo Rocha Lima (1989, p. 157), "preposições são palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro".

O referido gramático ainda define os termos anteriores às preposições como *antecedentes* e os posteriores como *consequentes*. De acordo com ele, entre esses dois termos, há uma relação estabelecida pela preposição, e o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo. As preposições têm o papel de subordinar um elemento da frase a outro, de modo que o segundo é complemento do primeiro. O *antecedente* é o núcleo da construção, e vai ser restringido pelo complemento, que é chamado de *consequente*.

O antecedente, ainda segundo Rocha Lima (1989), pode ser um substantivo, um adjetivo, um verbo, um advérbio e algumas interjeições; "mas o consequente há de ser

sempre um *conceito substantivo* (expresso por um substantivo, pronome, infinitivo, oração substantiva, ou palavra substantivada)" (*op. cit.*, p. 320). Adiante em seu texto, ele esclarece os casos em que o conseqüente é representado por um adjetivo ou advérbio, dizendo que tais classes gramaticais têm função de substantivos quando aparecem depois de preposição.

Especificamente, o autor trata das preposições *a/para/em* separadamente, dando características de uso para cada uma delas. Destacamos as descrições em que se trata da noção de movimento, conforme o tema deste trabalho. A preposição *a* é apresentada com valor de movimento encabeçando complementos circunstanciais.<sup>1</sup> Tratando da preposição *em*, ele esclarece que indica, principalmente, lugar onde (interior e exterior), e informa que não é comum o emprego dessa preposição com verbo de movimento. Porém, percebemos que, hoje, é comum encontrar *em* com verbos de movimento nos enunciados de falantes do português brasileiro (PB). Quanto à preposição *para*, Rocha Lima (1989) informa que ela pode estabelecer, entre outras, as seguintes relações: a) lugar para onde e b) direção. No entanto, não apresenta exemplos do uso de *para* com o verbo *ir*. Tais definições demonstram a restrição com que se descrevia a norma da língua à época, ou aos olhos dos gramáticos tradicionais.

Para Cunha e Cintra (1985, p. 542), “chamam-se preposições as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (*antecedente*) é explicado ou completado pelo segundo (*consequente*).”.

Para eles, a preposição *a*, entre outros valores, possui o de movimento (direção a um limite); a preposição *em* também possui valor de movimento, mas não ocorre regendo o verbo *ir*; e a preposição *para* com valor de movimento (tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva) distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica o maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento.

Diante disso, notamos que Cunha e Cintra (1985) não abordam a possibilidade de o verbo *ir*, com ideia de movimento, ser regido pela preposição *em*. Para eles, há apenas duas possibilidades: *a* e *para*, sendo que *para* somente deve ser utilizada para indicar direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino. Ou seja, podemos dizer que a preposição *para*, analisada de acordo com Cunha e Cintra (1985), somente pode

---

<sup>1</sup> Para Rocha Lima (2003, p. 222), complemento circunstancial “é um complemento de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais. (...) A preposição como que forma bloco com o verbo. (...) Por seu valor de direção, *ir* exige, por assim dizer, a preposição *a* para ligá-lo ao termo locativo”.

ser utilizada com o traço [+ permanência] – dando a ideia de demora ou destino -, enquanto a preposição *a* deve ser utilizada com o traço de [- permanência], conforme será analisado no capítulo 2.

Cabe ressaltar que há uma grande contradição entre os gramáticos, tendo em vista que, apesar de não admitirem o uso de *em* como regente do verbo *ir*, apresentam a preposição *em* com noção de movimento.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo analisar a alternância no uso das preposições *a/para/em* na regência do verbo *ir* com sentido de direção, movimento. Portanto, no Capítulo 1 apresentamos o referencial teórico, com o ponto de vista de alguns linguistas em relação ao tema e o estudo diacrônico das preposições *a/para/em*. No Capítulo 2, apresentamos uma pesquisa realizada, primeiramente, na área da sociolinguística, mas que achamos interessante agregar a este trabalho a fim de ilustrar o tema. Analisamos a fala de 12 informantes brasilienses, já que a pesquisa foi feita no Distrito Federal, observando os fatores extralinguísticos/sociais como a escolaridade, de modo a revelar o papel desempenhado pela escola no sentido de prescrever formas e estruturas linguísticas consideradas de prestígio. O Capítulo 3 contém os trabalhos de duas linguistas, Letícia Cunha e Keli Eugênio, sobre o verbo *ir* de movimento, e uma análise dos resultados obtidos na pesquisa do Capítulo 2 relacionando a esses trabalhos. As entrevistas estão anexadas ao final.

## CAPÍTULO 1. AS PREPOSIÇÕES

### 1.1 Variação linguística

A língua está em constante mudança, pois há sempre fenômenos em variação. Como ressalta Alkmin (2003), no plano sincrônico, as variações são relacionadas a fatores diversos. Dentro de uma mesma comunidade de fala, Brasília por exemplo, pessoas de escolaridade e idade diferentes falam distintamente. Os falantes podem adquirir essas variedades linguísticas a partir da variação geográfica (diatrópica) e da variação social (diastrática). A variação social refere-se a um conjunto de fatores que relacionam-se com a identidade do falante e com a organização sociocultural da comunidade de fala.

A sociolinguística se forma no momento em que o formalismo de Chomsky alcança grande repercussão. Essa nova perspectiva de estudo da língua surge da ideia de que linguagem, sociedade e cultura são fenômenos inseparáveis, sendo, dessa forma, multidisciplinar.

A sociolinguística vai, então, observar as variações linguísticas presentes numa comunidade, levando em consideração fatores linguísticos e sociais. Ou seja, toda língua falada por qualquer comunidade apresenta variações e é representada por um conjunto de variedades. Segundo a teoria da variação linguística:

É essa heterogeneidade que, de acordo com a sociolinguística, pode e deve ser sistematizada: analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala são os principais objetivos da pesquisa sociolinguística. De forma simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. (SILVA, p. 50-51)

Esse modelo metodológico conhecido como “teoria da variação linguística” foi iniciado por William Labov e foi uma reação à ausência do fator social na teoria gerativista. Sua pretensão era sistematizar as variações inerentes à língua, estabelecendo uma correlação entre língua e sociedade.

Sendo assim, em todas as comunidades de fala é possível observar formas linguísticas em variação. Essas formas recebem o nome de variantes, conforme afirma Silva (*op. cit.*, p. 51): “às formas linguísticas em variação dá-se o nome de variantes, que são,



portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.”.

A sociolinguística, portanto, floresceu pela busca de uma identidade linguística própria. Porém, essa busca deve ser feita observando-se a História, tentando entender a forma como tal identidade foi adquirida. Kato e Roberts (1996) defendem que a opção metodológica que devemos utilizar para responder a essa questão é direcionar a pesquisa do presente para o passado, concebendo cada fase como um objeto sistematicamente heterogêneo. Seria a sincronia em favor da diacronia, pois, se a língua apresenta, em cada fase, variação entre formas novas e velhas, o presente pode apresentar pistas para a língua do passado.

Fernando Tarallo (*apud* KATO e ROBERTS, 1996) demonstra que encontraremos, em qualquer fase da história da língua que for investigada, formas residuais do passado mais remoto contracenando com formas inovadoras de um futuro.

Na pesquisa diacrônica, segundo Kato e Roberts (1996), como o investigador não pode utilizar nem a sua própria competência nem a do falante, o linguista fica em posição de igualdade com a criança que está aprendendo a língua, baseando-se em dados positivos e dependendo de um *input* robusto para o seu desenvolvimento. Isso significa analisar se houve uma mudança de parâmetro utilizando argumentos quantitativos de correlação ou de concomitância de mudanças.

Para o linguista variacionista, estudar a língua a fundo serve para descrever as mudanças ocorridas e avaliar os fatores externos e estruturais que propiciaram as mudanças. Para o gerativista, é saber que parâmetro deve ter tido seu valor alterado para que essa alteração justifique todas as mudanças superficiais ocorridas.

Ainda segundo Kato e Roberts (1996), os estudos que estão sendo feitos mostram as alterações que vêm ocorrendo no Português do Brasil, não como uma deterioração da gramática (como pensam os que estudam a gramática prescritivista), mas uma mudança paramétrica, radical, da língua, uma reorganização interna coerente.

A consciência dessas mudanças sistemáticas, que desembocam em uma língua distante de suas irmãs românicas, até mesmo do português de Portugal, é necessária para entender por que os estudantes escrevem como escrevem e por que a língua dos textos escolares, para as camadas que vêm de pais iletrados, pode parecer tão estranha quanto a de um texto do século XVIII para o linguista iniciando-se em estudos diacrônicos. (KATO, 1996, p. 20)

O Brasil, portanto, apresenta uma “diglossia” extrema entre a fala do aluno que entra para a escola e o padrão que deve adquirir de escrita.

Neste trabalho, será analisada a variação que ocorre na regência do verbo *ir* de movimento na escolha que o falante do português brasileiro faz da preposição que acompanha o locativo do verbo. Tais variantes são *a/para/em*. Esta pesquisa foi motivada pela observação de que o falante não tem consciência da carga semântica dessa alternância.

## 1.2 Estudo diacrônico das preposições

Segundo Bagno (2001), o uso da preposição *em* na regência dos verbos de movimento tem explicação na origem do português, língua derivada do latim. No latim, a preposição *in* (que deu origem ao *em* do PB) existia em concorrência com a preposição *ad* (preposição *a* no PB) e, entre a função das duas, não havia rigidez de separação. “Ambas podiam indicar tanto o *repouso*, a *localização*, quanto o *movimento*, a *direção*”.

No período de constituição da norma-padrão clássica literária do português, houve uma tentativa de delimitar de forma mais rígida o uso dessas duas preposições. Tentou se reservar a preposição *a* para indicar movimento, direção, destino, enquanto a preposição *em* ficaria reservada para indicar repouso, situação, localização. (BAGNO, 2001, p. 141)

O gramático enfatizou que se “tentou” porque ainda é possível observar a flutuação no uso das duas preposições. No poema épico *Os Lusíadas*, de Camões, é possível verificar o uso de *em* com indicação de movimento.

A língua trazida para as colônias portuguesas não foi a norma literária relatinizada, que só uma ínfima parcela escolarizada da população conhecia e utilizava, mas sim a língua falada pelo povo, na qual as formas arcaicas não tinham sofrido alteração e continuavam a ser usadas. Assim se explica o fato de até hoje a imensa maioria da população brasileira usar a preposição *em* com os verbos *ir*, *chegar*, *vir* e outros com ideia de movimento. (BAGNO, 2001, P. 142)

Bagno (2001) explica que a tradição gramatical prescreve o uso da preposição *a* com o verbo *ir* para indicar uma ida temporária, enquanto o da preposição *para* deve ser usada para uma permanência maior ou definitiva. Dessa forma, a preposição *a* indica [-permanência] e a preposição *para* indica [+permanência]. Ao pesquisar sobre o tema, Bagno

observou, entre os falantes cultos, que “na expressão de [-permanência] existe uma concorrência entre *a*, *para* e *em*, com marcada preferência pelo uso de *para*; na expressão de [+permanência] só se usa a preposição *para*”. E, ao contrário do que dizem as gramáticas normativas, o uso das três preposições para indicar [-permanência] é indiferente.

Para Coutinho (1976), a maioria das preposições latinas passaram para o português. Era frequente combinar uma preposição com outra no latim vulgar, o que resultava na formação de uma preposição composta. Entre nós, segundo Coutinho (1976), o número das preposições aumentou, já que tiveram este emprego adjetivos, participios passados, participios presentes.

A preposição *a* veio do latim *ad*; a preposição *para* veio do português arcaico *pera* (no latim, *per+ad*); e a preposição *em*, do português arcaico *en* e do latim *in*.

Said Ali (2001) ensina que as preposições latinas foram advérbios primitivamente, porém, são usadas antepostas a substantivos e pronomes e infinitivo como forma nominal para acrescentar-lhes noções de instrumento, posse, lugar etc. Os advérbios, por sua vez, possuem função de se ajuntar a verbos, adjetivos ou até advérbios para modificá-los.

As preposições vieram algumas do idioma latino, por meio da literatura, outras do românico, enquanto outras foram tiradas de advérbios portugueses com acréscimo da palavra *de*, por exemplo: *depois de*, *diante de*.

Muitas partículas usadas na língua-mãe, segundo Said Ali (2001), desapareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. Vieram para o português sem modificação de forma: *ante*, *contra*, *de*, *per*; e, alteradas, vieram: *ad*>*a* e *in*>*en*, *em*, por exemplo. Serão analisadas apenas as preposições em foco neste trabalho.

A partícula *ad*, de acordo com o gramático, era usada no latim com o conceito de movimento/direção para algum ponto, o mesmo sentido usado na nossa preposição *a* – apesar da concorrência de *para*, que lhe cerceia por vezes o emprego.

A preposição serve, além disso, com o sentido de lugar onde, denotando o ponto terminal (a partícula *ad* também era usada com esse conceito no latim vulgar); como ponto de aferência, que serve de norma, ou segundo o qual alguma coisa se faz, ex: a meu ver, estar à vontade, a gosto de alguém; ou é usada para significar instrumento e meio, e até mesmo em determinadas locuções de “tempo em que” alguma coisa se passa.

A preposição *em* traduz interioridade com referência tanto a lugar como a tempo, podendo denotar, também, superposição, estado de alguma coisa, divisão, distribuição, etc.

Ocorre a cada momento no discurso para significar o lugar onde as coisas se passam. Menos conspícuo é o emprego de *em* com acepção diretiva; mas é justamente esta tão importante que sem o seu conhecimento não saberíamos explicar a presença de *em* em bom número de locuções.

Dizeres que signifiquem “lugar para onde”, se constroem em português geralmente com *a* ou *para* e, às vezes, *contra*. Usa-se todavia *em* com evidente sentido diretivo junto aos verbos *lançar*, *meter*, *pôr*, *deitar*, *admitir*, *sair*, *saltar*, *sair em terra*, *passar e passar-se em* (para algum país) e outros. (ALI, 2001, p. 160)

Cabe ressaltar que não serão destacados todos os sentidos das preposições para não perdermos o objeto principal da pesquisa.

Quanto à preposição *para*, Said Ali (2001) explica que, com o valor de “destinação” e “lugar para onde”, há uma forte competição com a partícula *a*, sendo tão sutil a diferença nos casos de regência fixa (certos verbos e adjetivos que são construídos sempre com *a* e outros sempre com *para*), que a explicação seria apenas pelo capricho do uso.

Assim, junto ao verbo *ir* é lícito escolher entre a preposição *a* e a preposição *para*, de acordo com o gramático. Porém, o uso de *a* significaria o movimento direto, e o uso de *para*, o movimento mais demorado.

A substituição de uma preposição por outra até o desaparecimento de uma delas é um fenômeno chamado grau zero da gramaticalização das preposições, defendido por Castilho (2010). Algumas preposições estão em processo de substituição no PB, e uma delas é a preposição *a*, substituída por *em* ou *para*.

Segundo Castilho (2010), a substituição de *a* por *para* representa uma regramaticalização, tendo em vista que *a* provém do latim *ad*; “reforçada por outra preposição latina, *per*, donde *perad* > português arcaico *pera* > português moderno *para*” (*op. cit.*, p. 590).

A substituição de *a* por *em* representa quase um total desaparecimento daquela. Borba (*apud* Castilho, 2010) descreve que, com o verbo *ir*, a preposição *a* indica a direção do movimento, como em *ir ao restaurante*, enquanto a preposição *em* indica não a direção em si, mas a inclusão do falante no ponto de chegada, como em *ir no restaurante*. Castilho (2010) destaca que Borba repercute o ensinamento de Varrão de que essas

preposições não são sinônimas e cita o exemplo: *in forum ire* significa *entrar no fórum*, ao passo que *ad forum ire* significa ir a um lugar próximo ao fórum.

O gramático ainda cita Pontes, para quem *a* é mais geral quando introduz complemento de verbo de movimento e *em* é mais específico; bem como Mollica, para quem a variação *a/para* e *em* depende das características morfossintáticas do substantivo encaixado no sintagma preposicional, explicando-se ainda por fatores discursivo-textuais. Castilho (2010) traz, ainda, a pesquisa de Berlinck, que estudou os complementos preposicionados no português paulista do século XIX. Ficou constatada uma diminuição progressiva da frequência da preposição *a* em favor da preposição *para*; e, na comparação entre o português brasileiro moderno e o do século XIX, Berlinck encontrou os seguintes valores: no português do século XIX, a preposição *a* aparecia com a frequência de 72%, a preposição *para* com 20 % e a preposição *em* com 8%, enquanto, no português contemporâneo, *a* aparece com a frequência de 4%, *para* com 74% e *em* com 22%.

Segundo Castilho (2010, p. 593), “as sequências formadas por verbos + sintagma preposicional encerram uma cadeia de transitividades, pois o verbo seleciona uma preposição, e esta seleciona um sintagma nominal como seu complementizador, constituindo com ele um sintagma preposicional”. Os verbos de movimento, como o verbo *ir*, abarcam o deslocamento do sujeito verbal em direção a um ponto de referência. As preposições *a*, *para* e *em* atribuem ao sujeito verbal a noção de ponto final de um percurso, coocorrendo um verbo de movimento cujo sujeito é controlador do evento. Ataliba de Castilho reforça que a preposição *a* vem diminuindo de frequência, enquanto o uso da preposição *para* se expande, não sendo possível identificar o sentido apontado pelas gramáticas para diferenciar essas preposições, que é o de deslocamento que implica no retorno.

## CAPÍTULO 2. RELATO DA COLETA DE DADOS

Para este trabalho, utilizamos uma pesquisa, descrita na próxima seção, em que foram entrevistados 12 falantes do PB no ano de 2012 em Brasília – DF. A pesquisa foi feita, primeiramente, com uma abordagem sociolinguística, mas foi reutilizada neste trabalho a fim de demonstrar como os falantes regem o verbo *ir* de movimento. Na seção 2.1 apresentamos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, as variáveis consideradas e as hipóteses levantadas. Na seção 2.2, a análise dos dados coletados e os resultados obtidos; e na seção 2.3, a conclusão a que chegamos.

### 2.1. Metodologia, variáveis e hipóteses

A fim de testar a variação entre as preposições na regência do verbo *ir* na fala dos brasilienses, entrevistamos 12 pessoas de níveis de escolaridade diferentes, a saber: três de nível médio incompleto, três de nível médio completo, três de nível superior incompleto e três de nível superior completo<sup>2</sup>. Em razão de estudarmos um fenômeno de variação na área da morfossintaxe, utilizamos a técnica da eliciação, de modo que, em cada entrevista, foram realizadas perguntas que direcionavam a resposta ao uso do verbo *ir*. A partir dessas respostas, coletamos os dados, 168 no total, e analisamos o uso de acordo com as variáveis descritas abaixo.

A hipótese geral da pesquisa é de que o falante que está em ambiente escolar tende a empregar o verbo *ir* de movimento do modo prescrito pela GT, já que tem mais contato com textos escritos na língua padrão e com a “correção” dos professores. Apesar disso, acreditamos que o nível de escolaridade não interfere no uso das preposições, pois as pessoas instruídas e escolarizadas, mas que não estão mais em contato direto com a GT e com os “lembretes” dos professores, usam as preposições mais livremente, isto é, da forma não prevista pela GT.

---

<sup>2</sup> Os participantes de ES Incompleto e ES Completo são de cursos diversos, como Direito, Letras, Engenharia de Computação, Segurança Pública, Fonoaudiologia.

A variável dependente é a variação na regência do verbo *ir*, com noção de movimento, com as preposições *a/para/em*, condicionada a duas variáveis independentes, sendo uma variável extralinguística e uma variável linguística.

Como variável extralinguística, consideramos o grau de escolaridade - ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto e ensino superior completo. Foram criadas duas hipóteses para essa variável: hipótese 1 - o ambiente escolar influencia a escolha das preposições que regem o verbo *ir* de movimento, de maneira a ser preferido o uso prescrito como padrão pela gramática tradicional; e hipótese 2 - o nível de escolaridade tem pouca influência na escolha das preposições.

Como variável linguística, escolhemos o traço semântico [+/- permanência]. O traço [+ permanência] remete ao local que traz a ideia de maior permanência, indicando demora ou transferência. O traço [- permanência] indica o local transitório, de passagem do falante. Por exemplo:

(1) a. *Todo sábado eu tenho que sair. Que é todo sábado mesmo. Que é ir pro Terraço com a minha família. Como se fosse nossa... faz parte da rotina mesmo.*

b. *Conheço Belém, já fui em São Paulo (...), no Rio de Janeiro, Minas conheço um monte de lugar, é isso.*

No exemplo 1(a), o locativo é de [+permanência], pois indica uma atividade de rotina do falante, em que ele expende certo tempo no local de destino; no exemplo 1(b), por sua vez, o locativo é de [-permanência], já que indica um local passageiro para o falante, e que não faz parte de sua rotina.

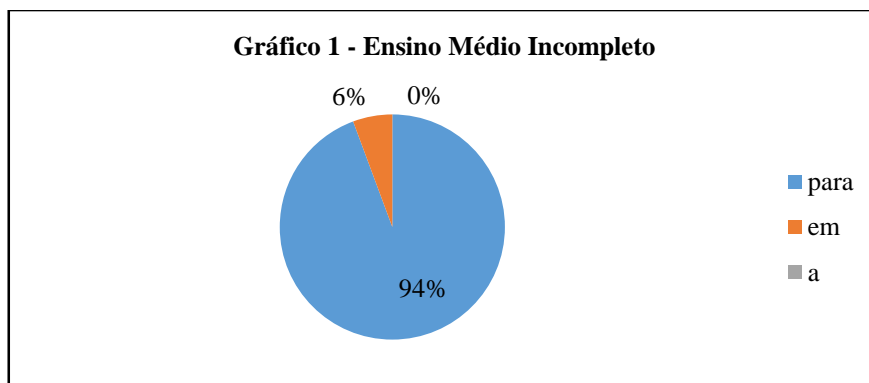
E consideramos, como hipótese 3, o fato de que o falante combina [+permanência] com a preposição *para* e [-permanência] com a preposição *em*.

## 2.2. Análise e Resultados

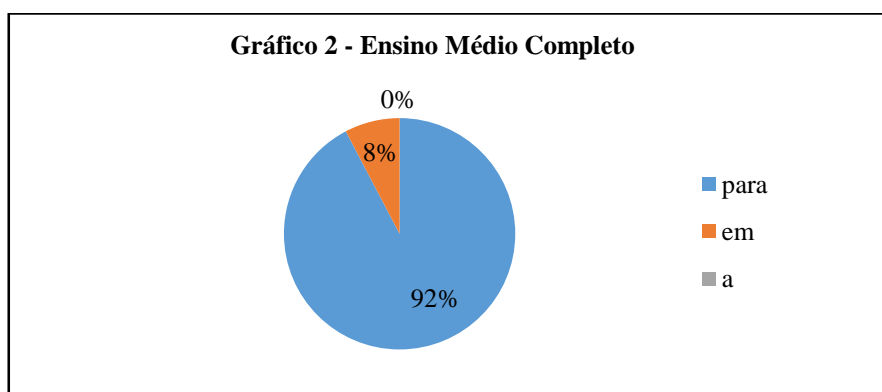
Os dados analisados foram separados em variáveis linguísticas e extralinguísticas para demonstrar a variação que ocorre entre as preposições *a/para/em* na regência do verbo *ir* com significado de movimento/direção.

Para a variável extralinguística, temos os gráficos de 1 a 5, a seguir:

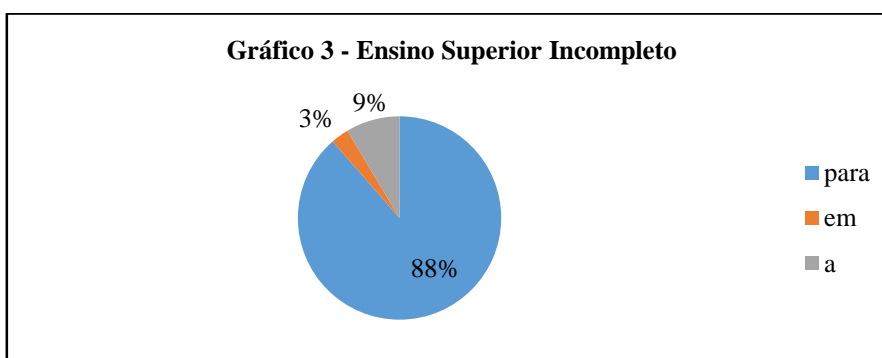
Variação das preposições *a/para/em* por nível de escolaridade:



O gráfico 1 demonstra uma forte preferência pela preposição *para* entre os falantes cursando o ensino médio. Além disso, mostra o completo desaparecimento da preposição *a* na fala destes falantes.

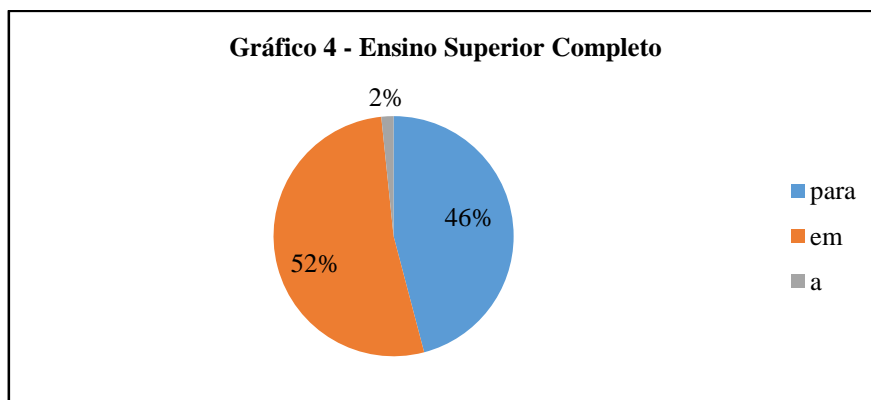


Nesse gráfico, é possível observar a preferência majoritária dos falantes de nível médio completo entrevistados pela preposição *para*. Observa-se também o total apagamento da preposição *a* nos dados coletados nesse nível de escolaridade.

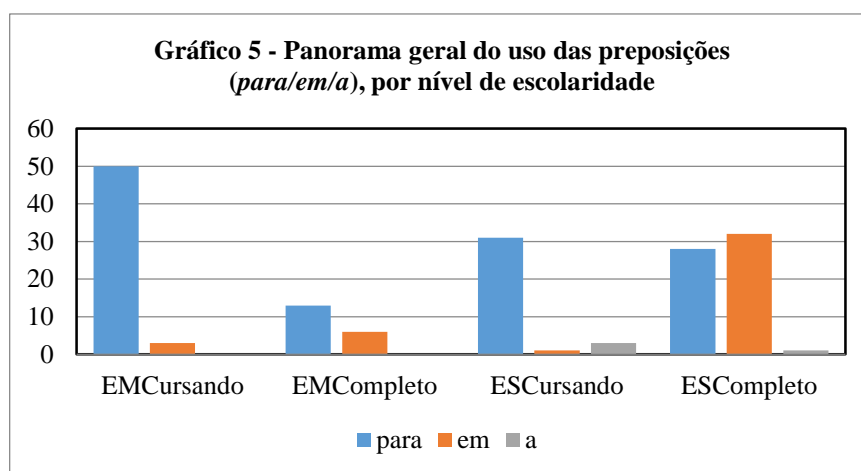




O gráfico acima relata a forte preferência pelo uso da preposição *para* entre os falantes que estão cursando o ensino superior, de acordo com nosso *corpus*. Mostra também o uso de *a* superior ao de *em*, embora ambas as preposições apareçam em quantidades muito inferiores às de *para*.



Esse gráfico demonstra uma variação forte do uso de *em* e *para* entre os falantes de nível superior completo entrevistados. A preposição *a* aparece com uso quase insignificante, de apenas 2% contra 52% e 46% de *em* e *para*, respectivamente.



No gráfico 5, podemos observar que a preferência pela preposição *para* é constante em quase todos os níveis de escolaridade, sendo apenas parelha com o uso da preposição *em* no nível ES Completo. Além disso, é perceptível o pouco uso da preposição *a*, com destaque para a não-ocorrência em ambos os níveis de Ensino Médio (EM Incompleto e EM Completo). Seu uso maior deu-se por falantes de ES Incompleto. Essas constatações podem ser observadas nos exemplos abaixo:

(2) a. *Eu provavelmente vou **pra** Fortaleza, porque meu avô vai fazer 100 anos, então eu acho que eu vou **pra** lá.(EM Incompleto);*

b. *Eu fui **pros** Estados Unidos. Nas próximas férias pretendo ir **para** a Europa, **pra** Espanha. (EM Completo);*

c. (...) *a gente foi **ao** parque da cidade, a gente ficou andando de patins a manhã toda(...) (ES Incompleto);*

d. *Já fui **na** China, já fui **no** Cazaquistão, já fui **na** Grécia, em Atenas, **na** República Tcheca, em Praga (ES Completo).*

Quanto à variável linguística, observamos a frequência das preposições na regência do verbo *ir* por traço semântico [+permanência] e [-permanência]:

**Tabela 1**

EM Incompleto		para	em	a
Participante 1 17 anos	+ permanência	1	1	0
	- permanência	8	1	0
<b>Subtotal</b>		<b>9</b>	<b>2</b>	<b>0</b>
Participante 2 17 anos	+ permanência	2	0	0
	- permanência	17	1	0
<b>Subtotal</b>		<b>19</b>	<b>1</b>	<b>0</b>
Participante 3 17 anos	+ permanência	1	0	0
	- permanência	21	0	0
<b>Subtotal</b>		<b>22</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>		<b>50</b>	<b>3</b>	<b>0</b>

**Tabela 2**

EM Completo		para	em	a
Participante 4 48 anos	+ permanência	1	0	0
	- permanência	2	0	0
<b>Subtotal</b>		<b>3</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
Participante 5 47 anos	+ permanência	0	0	0
	- permanência	1	6	0
<b>Subtotal</b>		<b>1</b>	<b>6</b>	<b>0</b>
Participante 6 25 anos	+ permanência	0	0	0
	- permanência	9	0	0
<b>Subtotal</b>		<b>9</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>		<b>13</b>	<b>6</b>	<b>0</b>

Tabela 3

ES Incompleto		para	em	a
Participante 7 19 anos	+ permanência	0	0	0
	- permanência	3	0	1
<b>Subtotal</b>		<b>3</b>	<b>0</b>	<b>1</b>
Participante 8 21 anos	+ permanência	1	0	0
	- permanência	6	0	2
<b>Subtotal</b>		<b>7</b>	<b>0</b>	<b>2</b>
Participante 9 20 anos	+ permanência	4	0	0
	- permanência	17	1	0
<b>Subtotal</b>		<b>21</b>	<b>1</b>	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>		<b>31</b>	<b>1</b>	<b>3</b>

Tabela 4

ES Completo		para	em	a
Participante 10 37 anos	+ permanência	0	0	0
	- permanência	3	0	1
<b>Subtotal</b>		<b>3</b>	<b>0</b>	<b>1</b>
Participante 11 47 anos	+ permanência	1	0	0
	- permanência	0	31	0
<b>Subtotal</b>		<b>1</b>	<b>31</b>	<b>0</b>
Participante 12 43 anos	+ permanência	3	0	0
	- permanência	21	1	0
<b>Subtotal</b>		<b>24</b>	<b>1</b>	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>		<b>28</b>	<b>32</b>	<b>1</b>

Destacamos a variação individual de cada falante para demonstrar que ela ocorre de forma muito profunda. Observa-se certa preferência (inconsciente) de cada falante por uma preposição (*em/para*), que se mostra produtiva com um traço semântico e outro [+/- permanência], não apresentando regularidade do uso com justificativa gramatical aparente.

Abaixo, apresentamos tabelas com a frequência das preposições na regência do verbo *ir* por traço semântico [+permanência] e [-permanência], por nível de escolaridade.

Tabela 5

EM Incompleto	para	em	a
+ permanência	4	1	0
- permanência	46	2	0
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>3</b>	<b>0</b>

Tabela 6

EM Completo	para	em	a
+ permanência	1	0	0
- permanência	12	6	0
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>6</b>	<b>0</b>

Tabela 7

ES Incompleto	para	em	a
+ permanência	5	0	0
- permanência	26	1	3
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>1</b>	<b>3</b>

Tabela 8

ES Completo	para	em	a
+ permanência	4	0	0
- permanência	24	32	1
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>32</b>	<b>1</b>

Esses gráficos evidenciam a Hipótese nº 3. Nela, prevíamos que os falantes produzissem a preposição *para* com a carga semântica [+permanência] e a preposição *em* com a carga [-permanência]. No exemplo 3(a), há a ocorrência tanto da preposição *em* como da preposição *para* com traço de [-permanência]. O uso de *para* com essa carga destoa de nossa hipótese. Já no exemplo 3(b), a preposição *para* ocorre com a carga semântica de [+permanência], concordando com nossa hipótese.

(3) a. *Fui **na** Campus Party com um pessoal aqui de Brasília mesmo que foi **pra** lá pra São Paulo.*

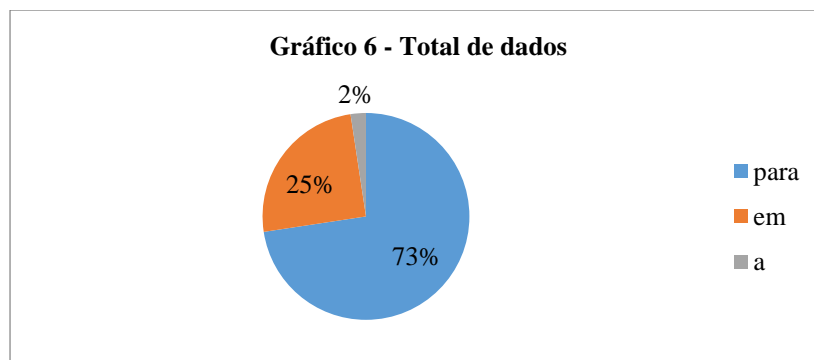
b. (...) *e depois fui de transferência **pra** São João Del Rei, em Minas Gerais.*

A maior parte das ocorrências é de dados destoantes da hipótese, enquanto as ocorrências que concordam com a hipótese são de número muito inferior. O único caso em que ocorre um número significativo de dados a favor da hipótese encontra-se na fala de um falante de ES Completo.

Essa consideração demonstra um comportamento que tende ao uso da preposição *para* com a carga semântica [-permanência], comportamento observado em todos os níveis de escolaridade. No nível individual, o comportamento da variação é muito interessante. O falante apresenta certa preferência individual (e inconsciente) por uma preposição (*em* ou *para*, e no nosso *corpus* a maioria foi de *para*), a qual é produtiva em ambos os traços semânticos: [+permanência] ou [-permanência].

**Tabela 9 - Total de dados**

para	em	a	TOTAL
122 = 72,61%	42 = 25%	4 = 2,39%	168 = 100%



De modo geral, é possível observar o uso majoritário da preposição *para* (73%) e o uso secundário da preposição *em* (25%). A preposição *a* apresenta um comportamento de desaparecimento quase completo, como sugeriu Bagno (2001), quando

tratou dela como “uma preposição em desuso”. Ou seja, o falante de português brasileiro (segundo o *corpus* coletado), tende a usar a variante menos prestigiada pela Gramática Tradicional (*para*) com maior frequência, esquecendo-se, quase que por completo, da variante de maior prestígio.

### 2.3. Conclusão

A hipótese nº 1, de que a proximidade com a escola faz o falante tender ao uso da preposição prescrita pela GT, foi refutada. Nos falantes de EM Incompleto, que falariam a preposição *a* com mais frequência de acordo com o que especulávamos, não foi observada nenhuma ocorrência de *a*. Nos falantes de nível superior cursando, que estão em maior contato com a linguagem padrão, foram observados apenas 9% de uso da preposição *a*.

A hipótese nº 2, de que o nível de escolaridade tem pouca influência na escolha das preposições, foi confirmada parcialmente, pois ocorre a variação, mas não há relação direta com o nível de escolaridade.

O que não estava previsto nas hipóteses 1 e 2:

Observamos que há uma preferência geral para o uso da preposição *para*, tanto com o traço de [+permanência] como com o de [-permanência], independentemente do grau de escolaridade. Além disso, a hipótese 3, de que a preposição seria escolhida de acordo com o traço semântico do locativo [+permanência]/*para* e [-permanência]/*em* também não foi comprovada. A variação ocorre mais profundamente no nível individual do que no nível coletivo. O falante geralmente apresenta uma preferência por uma das preposições (*em/para*) e a utiliza de forma bastante produtiva em contextos de [+permanência] e [-permanência].

Chamamos a atenção também para o fenômeno do desaparecimento quase completo da preposição *a*: 3 das 4 ocorrências (de 168 dados) deram-se por falantes cursando o nível superior, o que poderia estar de acordo com a nossa hipótese inicial de que o ambiente de contato com a língua padrão pode resultar nessa ocorrência. A quarta ocorrência foi registrada na fala de um informante de nível superior completo.

Concluimos, portanto, que, no nosso *corpus*, a escolha da preposição não segue um padrão gramatical e pode ser considerada arbitrária ou, ainda, de escolha pessoal do falante, considerando apenas que o falante, apesar de apresentar certa preferência por

determinada preposição, ainda faz essa variação em sua fala, fato observado em 83,4% (10) dos falantes entrevistados (12).

### **CAPÍTULO 3. O VERBO IR**

Um dos conteúdos gramaticais fundamentais das aulas de gramática é a transitividade verbal, porque é a partir dele que outros conteúdos mais complexos são estudados, como a análise do período simples e do período composto (SILVA, 2014, p. 14).

O foco desta pesquisa é analisar o uso das preposições com o verbo *ir* de movimento, conteúdo este ensinado em sala de aula, mas que não necessariamente reflete a fala dos falantes do PB.

Neste capítulo, apresentaremos dois estudos relacionados ao tema, de Silva (2014) e Eugênio (2004), e faremos uma análise do resultado obtido no capítulo anterior relacionando a esses estudos.

#### **3.1. Os estudos de Silva (2014) e Eugênio (2004)**

Silva (2014) faz uma análise dos verbos de trajetória – categoria na qual se enquadra o verbo *ir* –, estudando as teorias gramaticais e o ensino gramatical na educação básica. Apesar de ir muito mais além em sua pesquisa, trazendo verbos outros de trajetória, faz explicações importantes que aproveitaremos aqui, como a noção de movimento, que se refere à mudança de lugar, posse, tempo ou condição, porém, a semântica de lugar é que representa o movimento concreto, sendo as outras apenas um movimento abstrato por extensão de sentido (*op. cit.*, p. 18).

Segundo Silva (2014), apesar de a relação entre movimento e deslocamento ser estreita, essas duas propriedades nem sempre coocorrem, pois todo deslocamento espacial implica movimento, mas nem todo movimento implica deslocamento espacial. Assim, os verbos que compõem a classe “movimento” possuem um comportamento sintático-semântico heterogêneo, tendo em vista o alcance dessa propriedade.

A autora destaca que, na literatura, há uma diferenciação desses verbos em relação à expressão do movimento, decorrendo ora “da maneira como o movimento ocorre, para os chamados verbos de modo de movimento, a exemplo de *balançar, sacudir, girar e rolar*; ora da direção em que se dá o deslocamento, para os verbos de trajetória, como *ir, vir, chegar e sair*.”



Segundo Talmy (2000), a mudança de lugar é constituída pelos elementos conceituais espaciais – deslocamento; objeto deslocado; centro (referencial); trajetória e maneira – lexicalizados nas línguas por meio de vários esquemas de combinação com o verbo. Conforme as tendências para determinados esquemas de combinação, é possível estabelecer uma tipologia entre as línguas. Línguas cuja preferência de lexicalização verbal se realiza pela confluência entre os traços *motion* (“movimento”) e *manner* (“modo, maneira”), como o inglês, descrevem o modo particular como o movimento é executado; enquanto línguas que preferem reunir *motion* (“movimento”) e *path* (“trajetória”) no mesmo lexema verbal, como o PB e as línguas românicas em geral, descrevem o deslocamento do objeto no espaço. (SILVA, 2014, p. 19)

Assim, quando os verbos de movimento se encontram em combinação com um sintagma preposicional estático, haja vista que o traço maneira parece não ser suficiente para a definição de uma subclasse, desafiam a taxonomia clássica desses verbos. Dessa forma, segundo Silva (2014, p. 19), “a complexidade dos conteúdos cognitivos envolvidos nas representações verbais permite-nos cogitar que os traços *path* e *manner* não são excludentes ou exclusivamente relevantes para a sintaxe”.

O papel do locativo, portanto, é explicitar a direção da trajetória, determinando seu ponto inicial ou final. Quando, no lugar do sintagma preposicional, há um DP no papel de locativo, somente o ponto final é expresso, já que a medida do evento é dada pelo próprio DP.

Os verbos de movimento se subdividem, então, em verbos de trajetória e verbos de modo de movimento. Apesar de parecer clara a diferenciação entre essas classes, muitos verbos demonstram os traços *manner* e *path* simultaneamente, indicando que esses traços não são excludentes e que a dicotomia verbos de trajetória e verbos de modo de movimento não se sustenta, principalmente combinados com um sintagma preposicional estático (o que comprova que o deslocamento pode estar codificado na raiz do verbo).

Silva (2014) apresenta, em um capítulo mais adiante em sua obra, que há uma aparente controvérsia entre os estudos sobre verbos de movimento, considerando que a classificação desses verbos oscila de uma análise para outra, mas demonstra que os estudiosos admitem que o deslocamento pode participar do significado conceitual de verbos de modo de movimento.

Após discorrer acerca da noção de movimento, Silva (2014) apresenta conceitos constantes na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), livros didáticos e gramáticas teóricas, assinalando as semelhanças e diferenças entre eles para categorizar os verbos de movimento. Apresentaremos aqui apenas a NGB e três gramáticas.

A NGB almejou padronizar a terminologia corrente para os estudos gramaticais, tendo em vista que o ensino da língua portuguesa no Brasil era cheio de conflitos no uso dos termos. Foi designada, então, uma Comissão para executar a tarefa, que, após diversas discussões, criou um texto sucinto e pouco esclarecedor. No tópico “Análise Sintática”, ficou convencionado que o verbo, quanto à predicação, é classificado como de ligação, intransitivo ou transitivo direto ou indireto. Entre os termos integrantes estão os complementos verbais – direto e indireto – e, entre os termos acessórios, os adjuntos adverbiais. “Embora essa classificação recupere vagamente a distinção estrutural entre adjunto e complemento, (...) reúne sob o mesmo rótulo elementos de comportamento bastante distintos” (SILVA, 2014, p. 46).

Como exemplo, a autora cita, entre outros, que os complementos verbais, na NGB, são divididos em direto e indireto devido à presença ou ausência da preposição, não envolvendo a natureza desta, se lexical ou funcional, nem se é determinada pelo verbo. E há um significado semântico de direção na preposição *para*, diferentemente da preposição *de*, que não expressa conteúdo semântico.

Além disso, ainda de acordo com Silva (2014), verbos de trajetória como *ir* e *vir*, *voltar* e *chegar* são classificados como intransitivos e o sintagma preposicional que os segue, já que os elementos circunstanciais têm sempre condição opcional de adjuntos adverbiais, não recebe nenhum tratamento diferenciado.

Assim, na tentativa de simplificar, a NGB tornou simplória a abordagem da predicação verbal, transmitindo a ilusão de que esses elementos se distinguem por dicotomias como a oposição entre verbos transitivos/intransitivos e verbos de ligação, a presença ou ausência de complemento para distinguir verbos transitivos de intransitivos e a presença ou ausência de preposição (sem considerar informações semânticas da preposição) para distinguir verbos transitivos diretos de indiretos. (SILVA, 2014, p. 47)

Já a “Gramática Normativa da Língua Portuguesa”, do professor Carlos Henrique da Rocha Lima, classifica os verbos pelos tipos de complementos verbais. Silva (2014) apresenta, então, os quatro tipos de complemento verbal defendidos pelo gramático:

a) objeto direto: não precedido de preposição e é o ser sobre o qual recai a ação. Ex: Castigar o filho.

b) objeto indireto: precedido da preposição *a* (às vezes, *para*), corresponde às formas pronominais átonas *lhe(s)* na terceira pessoa, e é o ser animado ao qual se destina ou dirige a ação. Ex: dar esmola a um mendigo. – dar-lhe esmola.

c) complemento relativo: precedido de preposição determinada, não representa o ser sobre o qual recai a ação e não corresponde às formas pronominais átonas *lhe(s)*). Ex: assistir ao baile – assistir a ele.

d) e complemento circunstancial: de natureza adverbial, indispensável à formação do verbo; pode ser regido de preposição quando indica direção; quando indica tempo, pode vir com ou sem preposição; quando exprime peso preço ou distância no espaço e no tempo, não é regido por preposição. Ex: Irei a Roma.<sup>3</sup>

Silva (2014), então, expõe os ensinamentos de Azeredo (2008), que foi discípulo de Celso Cunha. Para o gramático, a tripartição na tipologia sintática do verbo proposta pela NGB é simplista, pois une sob uma mesma classe uma grande variedade de tipos verbais. Considerando a heterogeneidade dos verbos transitivos, essa gramática propõe uma nova classificação a partir de critérios como a quantidade de complementos – objetivo ou biobjetivo – e a espécie do complemento – direto, indireto, relativo ou predicativo.

Azeredo defende, assim, de acordo com Silva (2014), que os complementos preposicionados são divididos em objetos indiretos – de interpretação dativa, são introduzidos por uma preposição típica com função conectora –; e complementos relativos – as preposições introdutoras são exigidas pelo verbo e podem ser semanticamente vazias, plenas ou enfraquecidas de sentido.

Os verbos de trajetória são classificados como transitivos relativos (a preposição introdutora do complemento relativo é exigida pelo verbo e pode ser semanticamente vazia, enfraquecida de sentido ou semanticamente plena), mas têm representantes tanto entre os transitivos objetivos relativos, quanto entre os transitivos biobjetivos diretos e relativos. Nessa classificação, verbos de movimento, como o verbo *ir*, compõem juntamente com os verbos de situação, como o verbo *morar*, os transitivos relativos ordinariamente seguidos de expressão locativa.

O autor iguala os verbos de trajetória aos demais verbos que selecionam um complemento, reconhecendo o valor dos sintagmas preposicionais nessas construções. Todavia, os mesmos verbos de movimento, outrora rotulados de transitivos relativos, encontram-se relacionados a advérbios de lugar, concebidos como “típico termo acessório, isto é, um termo que pode ser removido da oração sem afetar sua integridade gramatical” (SILVA, 2014, p. 57).

---

<sup>3</sup> Exemplos retirados de Silva (2014, p. 50-51)

A autora cita, ainda, Infante (1996), que ampliou a noção de transitividade, estendendo-a aos nomes, já que a transitividade não é exclusiva dos verbos, sendo uma relação baseada na significação das palavras, existente entre os verbos e os termos que formam um todo significativo com ele. O gramático sustenta uma relação transitiva entre o verbo e a circunstâncias de lugar, mas, baseando-se no tipo de preposição introdutora dos sintagmas, defende a distinção entre adjuntos adverbiais de lugar e objeto indireto.

Segundo Infante, nos dizeres de Silva (2014, *op. cit.*, p. 64-65), as preposições introdutoras de complementos verbais ou nominais têm função meramente conectiva e por isso, muitas vezes, podem ser omitidas (cf. (4)); já as preposições introdutoras de adjuntos adverbiais carregam um conteúdo semântico e sua alteração acarreta importantes modificações de significado da circunstância expressa (cf. (5)). Contudo, a omissão da preposição em (4) não se deve a sua natureza completiva, mas sim a um fenômeno de variação corrente no PB, semelhante ao que ocorre com as preposições *a/para/em* relacionadas aos verbos *ir* e *chegar*, por exemplo. Além disso, os contextos atestados de omissão de preposições encabeçadoras de complementos são em orações subordinadas substantivas objetivas indiretas (Maria não gosta que a chamem por apelidos) e completivas nominais (Existe a esperança que ele esteja vivo); nos demais casos, a omissão da preposição resulta em agramaticalidade (cf.(6)). Portanto, a possibilidade de omissão citada pelo autor não pode ser considerada um critério conclusivo para a identificação de preposições encabeçadoras de complementos.

- (4) a. Assisti o jogo ontem.  
       b. Assisti ao jogo ontem.
- (5) a. Estou voltando de casa.  
       b. Estou voltando para casa.
- (6) a. \*Gosto chocolates.  
       b. \*Casa bonecas<sup>4</sup>.

Mesmo reconhecendo que em casos como (5) o sintagma preposicional atende a uma demanda do verbo, diante das limitações da nomenclatura disponível, Infante recomenda a classificação do sintagma preposicional como adjunto adverbial, devido ao seu

---

<sup>4</sup> Exemplos retirados de Silva (2014), p. 64 – 65)

valor circunstancial e ao tipo de preposição que o introduz, e da classificação do verbo que o precede como intransitivo. Silva (2014) destaca que o gramático, portanto, assume uma postura mais reflexiva sobre esse tipo de construção ao apontar os dois pontos de vista da discussão, mas opta por adotar as convenções da NGB (*op. cit.*, p. 64-65).

Já Eugênio (2004) faz uma reflexão sobre as peculiaridades encontradas no comportamento sintático-semântico do verbo *ir* de movimento, que é classificado pela NGB como verbo intransitivo, pela gramática tradicional como verbo circunstancial e pela teoria gerativa como inacusativo.

Eugênio (2004) apresenta, assim, alguns conceitos necessários para o estudo do verbo de *ir* de movimento, como transitividade, intransitividade e inacusatividade.

A transitividade, segundo a autora, é a propriedade que os verbos têm de se combinarem com expressões nominais. Dessa forma, eles podem ser classificados como verbos de um, dois ou três lugares. Ao tomar como exemplo os verbos *morrer*, *matar* e *dar*, Eugênio explica que eles são considerados verbos de um, dois e três lugares respectivamente, tendo em vista que *morrer* combina-se apenas com o sujeito; *matar*, com o sujeito e o objeto direto; e *dar*, com o sujeito, o objeto direto e o objeto indireto, conforme os exemplos:

- (7) a. O gato morreu.  
 b. Pedro matou o gato.  
 c. Pedro deu a notícia a Maria.<sup>5</sup>

O verbo transitivo, do ponto de vista sintático, portanto, é o de dois e três lugares. Há verbos que fazem parte tanto de construções intransitivas como de construções transitivas, como é o caso de *mover(-se)*.

- (8) a. John moved the stone/João moveu a pedra.  
 b. The stone moved/A pedra moveu-se.  
 c. John moved/João moveu-se.<sup>6</sup>

A autora explica que esses exemplos mostram a relação entre o verbo *move/mover* e diferentes expressões nominais, a tendência de os verbos transitivos

---

<sup>5</sup> Exemplos retirados de Eugênio (2004), p. 37.

<sup>6</sup> Exemplos retirados de Eugênio (2004), p. 38.

selecionarem sujeitos animados, e a relação entre o sujeito da forma intransitiva e o objeto da forma transitiva, chamando o fenômeno de alternância causativa/ergativa.

Lyons (*apud* Eugênio, 2004) ressalta que *move* (em inglês) é intransitivo, e que *mover* (no português) é transitivo ou reflexivo. “A reflexividade, segundo Lyons, pode ser considerada um tipo especial de apagamento de objeto, acarretando a redução da valência do verbo reflexivizado” (*op. cit.*, p. 38 – 39).

Os verbos intransitivos, por sua vez, exigem apenas um argumento. Porém, essa é uma classe heterogênea, pois possui formas com propriedades semânticas bem distintas, que são os verbos inergativos e os ergativos (ou inacusativos).

Eugênio (2004) afirma que os verbos inergativos denotam atividades ou processos que podem depender de um sujeito agentivo, expressando eventos de causa interna como *chorar* (*op. cit.*, p. 43). Mas podem ocorrer, também, com sujeito não agentivo, que são os verbos de emissão percebida sensorialmente como *brilhar* e *amanhecer*.

Já os verbos inacusativos, de acordo com a autora, são verbos que denotam estados ou eventos não agentivos como *crescer*, *aparecer*, *chegar*, em que o argumento único é um tema ou paciente.

Assim, a diferença quanto ao caráter semântico do único argumento selecionado pelo verbo contribui para a distinção entre as duas classes de verbos intransitivos. Os agentes realizam-se sintaticamente e de um modo uniforme como sujeitos da oração tanto com verbos transitivos, quanto com verbos inergativos. Os temas ou pacientes realizam-se como objetos dos verbos transitivos e como sujeitos de verbos inacusativos. (EUGÊNIO, 2004, p. 43)

Para descrever a estrutura argumental de um predicado, é relevante considerar a distinção entre argumento e adjunto, segundo a autora. O termo adjunto faz parte da interpretação situacional, mas não é selecionado por nenhum item lexical da frase.

A gramática tradicional designa complemento como qualquer palavra ou sintagma, diferente do verbo, que seja um constituinte obrigatório. Assim, o complemento é um argumento subcategorizado pelo verbo, fazendo parte de sua estrutura argumental.

A ideia de que o verbo *Ir*, quando indica movimento, possui propriedades transitivas, selecionando um argumento externo e um argumento interno locativo não é, pois, trivial, já que a discussão passa pela observação de que o verbo *Ir* alinha-se com outros verbos de movimento como ‘vir’, ‘chegar’, ‘partir’, que têm sido analisados como inacusativos. Em contextos mais restritos, nota-se que a realização do locativo não é a única forma de satisfazer as propriedades sintáticas e semânticas do verbo *Ir*. Os dados mostram que há contextos em que um

modificador, normalmente um advérbio, um dêitico ou o pronome *se* são suficientes para satisfazer tais propriedades. (EUGÊNIO, 2004, p. 63)

Eugênio (2004) destaca que os dicionários da Língua Portuguesa registram os verbos *ir/vir*, *chegar/partir* como intransitivos e/ou transitivos indiretos quando denotam movimento. O verbo *ir*, então, é classificado, geralmente, como intransitivo quando significa “deslocar-se de um lugar para outro” e transitivo indireto quando quer dizer “encaminhar-se”. Porém, a autora diz que essa definição é pouco esclarecedora, já que se aplica a sentenças como:

(9) Vou \*(à feira) uma vez por semana.<sup>7</sup>

No exemplo, tem-se a ideia tanto de deslocamento de um ponto para outro quanto de encaminhamento. A diferença, portanto, estaria no tratamento sintático que se dá ao sintagma preposicionado *à feira*, se complemento ou adjunto.

A discussão acerca desses verbos, para a autora, tem o objetivo de mostrar que as explicações contidas nas gramáticas tradicionais e nos dicionários são problemáticas. Em estruturas canônicas, o sintagma preposicionado só é indispensável com o verbo *ir*, sendo este, também, o único contexto em que a mudança de preposição não altera o sentido do movimento – o que revela a importância que o sintagma preposicionado tem para o verbo *ir* se comparado aos demais verbos de movimento.

O verbo *ir* possui a possibilidade de envolver um argumento realizado na posição de sujeito gramatical e um locativo na posição de complemento simultaneamente, como, também, participar de construções que omitem o argumento locativo. De acordo com Eugênio, não é adequado atribuir o papel temático de *agente* ao argumento realizado como sujeito gramatical, tendo em vista que o verbo *ir* de movimento não expressa o mesmo tipo de ação que verbos como *cantar* ou *correr*. Porém, ela explica que existem traços que atribuem um certo grau de agentividade ao sujeito gramatical, quando combinados com o verbo, como os advérbios *intencionalmente*, *voluntariamente* e orações subordinadas finais – o que implica que o verbo *ir* pode ser um predicador de dois lugares, subcategorizando argumento interno e argumento externo simultaneamente. O argumento externo possui

---

<sup>7</sup> Exemplo retirado de Eugênio (2004), p. 64.

traços de agentividade sempre que estiver combinado com o traço [+Humano], ainda que não seja um típico agente.

Eugênio (2004) analisa com cautela a definição dada pela NGB e pelos dicionários de que o verbo *ir* de movimento possui natureza intransitiva. São apresentados, então, alguns elementos que parecem preservar a ideia de movimento exigida pelo verbo e satisfazer suas restrições sintáticas simultaneamente, licenciando construções com o verbo *ir* sem argumento locativo. São eles: a pronominalização, o uso de advérbios temporais e a negação. Há, ainda, situações em que o locativo pode ser omitido, sendo passível de recuperação no contexto do discurso, que são os casos de objeto nulo, em que ocorre uma topicalização do objeto.

Ao argumentar que a omissão do locativo é possível por se tratar de um mero termo adjunto, a NGB não leva em consideração a relevância dos referidos elementos gramaticais, nem mesmo o fato de que o local para onde o movimento é realizado está omitido, mas é facilmente recuperado pelos interlocutores inseridos no discurso, segundo a autora (*op. cit.*, p. 69).

Quanto à inacusatividade do verbo *ir* de movimento, ela afirma:

Admite-se a hipótese de o verbo *Ir* ser inacusativo, contanto que sejam previstos na definição de inacusatividade os contextos em que o verbo *Ir* seleciona dois argumentos, pois se se considera que um verbo inacusativo seleciona semanticamente apenas um argumento, não há lugar para o locativo na estrutura argumental desse verbo, o que contraria o consenso existente de que o locativo, nessas estruturas, não pode ser considerado mero adjunto, mas complemento subcategorizado pelo verbo. (EUGÊNIO, 2004, p.70)

### **3.2. Aplicação das categorias de análise do verbo *ir* nos trabalhos teóricos aos resultados da pesquisa sociolinguística**

Os trabalhos estudados na seção anterior, apesar de fazerem uma abordagem focada mais no verbo *ir* de movimento do que nas preposições que são usadas com esse verbo, trazem definições e análises relevantes para o presente estudo. Estudar quais preposições regem o verbo *ir* de movimento sem estudar tal verbo não faria sentido.

Vimos, portanto, que o verbo *ir* possui diversas classificações, dependendo da teoria adotada. Para este trabalho, não podemos levar em consideração a classificação



como verbo intransitivo adotada pela NGB, primeiramente por ser simplória, conforme demonstrado por Eugênio (2004), e, em segundo lugar, porque o referido verbo, com sentido de movimento, exige complemento.

Dessa forma, segundo a conclusão de Silva (2014) a respeito do trabalho de Eugênio (2004), embora a teoria linguística classifique esse verbo usualmente como inacusativo e a tradição gramatical como intransitivo, a pesquisa de Eugênio (2004) indica que o verbo *ir*, a um só tempo, alinha-se tanto com verbos transitivos quanto com inacusativos, mas não com intransitivos.

O verbo *ir* se diferencia dos outros verbos de movimento também pelo fato de que a mudança da preposição que o rege não altera o movimento expresso pelo verbo. E isso foi o que se buscou mostrar neste trabalho. Assim, usar a preposição *a*, a preposição *para* ou a preposição *em* para indicar o movimento do verbo *ir* não altera o sentido do deslocamento, mas apenas a interpretação quanto ao tempo gasto no destino.

Conforme demonstrado no capítulo 2, apesar da prescrição gramatical, os falantes do português brasileiro que participaram do teste aqui realizado, usam a preposição *para* com o verbo *ir* de movimento de forma majoritária (73% dos dados coletados) e, de forma secundária, a preposição *em* (25%). Ficou comprovado, ainda, que a preposição *a* apresenta um comportamento de desaparecimento quase completo, aparecendo em apenas 2% do total dos dados coletados.

Observamos, também, que o falante apresenta uma preferência por uma das preposições (*em/para*) e a utiliza de forma bastante produtiva em contextos de [+permanência] e [-permanência], mas que há uma preferência geral pela preposição *para* com ambos os traços. A escolha, portanto, é arbitrária, pessoal do falante, e a variação ocorre mais no nível individual do que no nível coletivo.

Dessa forma, analisando esse comportamento levando em consideração os trabalhos de Silva (2014) e Eugênio (2004), podemos perceber que o traço semântico [trajetória]<sup>8</sup> influencia o uso das preposições com o verbo *ir* de movimento.

Vejamos os seguintes exemplos:

- (10) a. Vou pra escola todos os dias.  
b. Vou na escola todos os dias.

---

<sup>8</sup> Silva (2014) classifica o verbo *ir* de movimento como um verbo de trajetória, conforme explicado no início deste capítulo.

Em (10a), a preposição *para* é utilizada com o traço semântico [+permanência], demonstrando atividade rotineira do falante, que permanece na escola por um certo tempo (estudando e assistindo aulas, por exemplo), e é utilizada com o traço semântico [+trajetória] marcado, isto é, o falante sai de um local para ir até à escola.

Já em (10b), a preposição *em* é utilizada com o traço [-permanência], pois dá a impressão de que o falante vai até à escola por um período curto de tempo e logo vai embora e com traço [-trajetória], tendo em vista que não importa o deslocamento e o fato de sair de um lugar para ir a outro.

Assim, a preposição *para* possui os traços semânticos [trajetória] e [permanência] marcados, traços esses que compõem a semântica do verbo *ir*. A preposição *em*, por sua vez, é menos marcada, funcionando como um *default*, que os falantes usam indistintamente, como uma escolha individual, não criando choque interpretativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos analisar o uso das preposições *a/para/em* com o verbo *ir* de movimento.

As GTs, como vimos, prescrevem o uso da preposição *a* com o verbo *ir* de movimento. Alguns manuais de gramática, como o de Ferreira (2003), apresentam uma abordagem menos normativa e já consideram o uso das preposições *para* e *em* com o referido verbo, apesar de considerarem esses usos como registros da língua coloquial.

Os gramáticos tradicionais, embora reconheçam que as preposições *para* e *em* indiquem relações de movimento ou direção, não consideram que as mesmas possam reger o verbo *ir* de movimento. Cunha e Cintra (1985), entretanto, adotam o entendimento de que *para* pode reger o verbo *ir*, desde que utilizada para indicar direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino.

Dessa forma, diferenciamos dois traços semânticos que as preposições podem implicar quando usadas com o verbo *ir*, o de [+permanência], que dá a noção de demora, mudança, transferência ou ação rotineira do falante em que ele expende certo tempo no local de destino; e o de [-permanência], dando a ideia de passagem rápido pelo local de destino.

O uso da preposição *em* com verbos de movimento tem explicação no latim, segundo Bagno (2001), que concorria com *a* para indicar movimento/direção. O gramático defende, ainda, que, para exprimir [-permanência], há a concorrência entre as três preposições, com marcada preferência pelo uso de *para*. Já para exprimir [+permanência], só se usa a preposição *para* – ideia essa parecida com o que analisamos neste trabalho.

As três preposições possuem sentido de movimento; no entanto, a preposição *a*, considerada de maior prestígio para os gramáticos tradicionais, está sendo substituída pelas preposições *para* e *em*. A substituição de *a* por *para* representa uma regramaticalização, enquanto a substituição de *a* por *em* representa quase um total desaparecimento daquela.

Com a pesquisa realizada, observamos o uso majoritário da preposição *para*, o uso secundário da preposição *em* e o desaparecimento quase completo da preposição *a*. A nossa hipótese nº 1, de que a proximidade com a escola faz o falante tender ao uso da preposição prescrita pela GT, foi refutada, tendo em vista que não foi observada nenhuma ocorrência da preposição *a* nas entrevistas com os falantes de EM Incompleto, que a usariam

com mais frequência. A hipótese nº 2, de que o nível de escolaridade não influencia na escolha das preposições, foi comprovada parcialmente, já que constatamos que ocorre a variação, mas sem relação direta com o nível de escolaridade. E a hipótese nº 3, de que *para* seria usada com o traço semântico de [+permanência] e *em* com o traço [-permanência] também não foi comprovada. O falante, no nosso *corpus*, apresenta uma preferência por uma das preposições (*para/em*) e a utiliza de forma produtiva em contextos de [+permanência] e [-permanência].

E com a aplicação dos trabalhos de Silva (2014) e Eugênio (2004) aos resultados obtidos no capítulo 2, podemos concluir que a preposição *para* possui os traços semânticos [trajetória] e [permanência], que compõem a semântica do verbo *ir*, marcados. A preposição *em*, por sua vez, funciona como um *default* que os falantes usam indistintamente, como uma escolha individual.

## REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- BAGNO, M. *Português ou Brasileiro?* 2ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ed. Nova Fronteira, 1999.
- BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. *Sociolinguística, Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 3ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. *Sociolinguística, Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- COUTINHO, I de L. *Gramática histórica*. 7ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- EUGÊNIO, K. C. *Aspectos sintáticos e semânticos do verbo ir de movimento no português do Brasil*. UnB, 2004. Dissertação de Mestrado.
- FERREIRA, M. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 2003.
- ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. 2ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 30ed. Rio de Janeiro: J Olympio, 1989.
- SILVA, E. V. D. *A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação*. UFF e ABRAFIL.
- SILVA, L. da C. *Verbos de trajetória: teoria gramatical e ensino de gramática na educação básica*. UnB, 2014. Dissertação de Mestrado.  
Disponível em:  
<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15625/1/2014\\_Let%20C3%ADciadaCunhaSilva.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15625/1/2014_Let%20C3%ADciadaCunhaSilva.pdf)>

## ANEXO

### Transcrição da fala dos Participantes:

#### Participante 1

Idade: 17 anos

Nível de escolaridade: Ensino Médio Incompleto

*Eu fiquei mais em casa, num viajei pra nenhum lugar. às vezes saía com uns amigos pra cinema, ensaiar, tocar e tal. E ficar longe da escola. Muito importante. Viagem? Eu tenho vontade de ir pra França, a Europa né, em si. Porque, por exemplo, pessoal viaja muito pra pra curtir, né, lazer e tal. Eu gosto mais da parada mais histórica, entendeu? Tipo assim, França, Louvre eu iria fácil. Itália, também. Espanha, conhecer a história do violão melhor. Essas coisas é o mais histórico. Quando é que foi o feriado? Fiquei em casa. Eu acordei, meu pai tava vendo o negócio do desfile lá. Aí eu vi um pouco. Passei o dia, ah não lembro. Não sei se eu saí pra... Fui prum grupo que eu amo, que é a Mocidade Espírita né, eu sou espírita. E as pessoas maravilhosas, pessoas que eu gosto muito, e tal. Foi bem legal, depois desse dia a gente saiu pra assistir um filme. Foi, foi bacana. Nas próximas férias eu queria conhecer um lugar novo, que eu sempre vou só pra Fortaleza. Eu não pretendo sair do Brasil, né, eu não pretendo ir agora, como cê perguntou, pra França. Rio de Janeiro seria bom, eu fui quando tinha um ano, num lembro direito. Ia conhecer o resto da família. Então ia ser legal se fosse pro Rio. Eu provavelmente vou pra Fortaleza, porque meu avô vai fazer 100 anos, então eu acho que eu vou pra lá. Mas o meu plano seria ir pro Rio. Na Bahia acho que já fui também, quando era pequeno, com meu avô. Durante a semana, escola, até 1 hora. Aí venho pra casa geralmente, almoço. Muitas vezes agora que eu tô mais almoçando fora, mas se for pegar a rotina mesmo, vim pra cá, almoço, aí fico praticamente computador a tarde inteira, e de noite eu dou uma olhada se eu tenho que, se tiver prova na semana eu dou uma olhada. Aí eu sou meio desleixado, sacou? No sábado eu vou no Terraço, todo sábado eu tenho que sair. Que é todo sábado mesmo. Que é ir pro Terraço com a minha família. Como se fosse nossa... faz parte da rotina mesmo. E na sexta feira geralmente saio com meus amigos, ou pra tocar no estúdio, ou assiste filme, come alguma coisa. E domingo eu fico em casa, pra descansar, propositalmente.*

**Participante 2**

Idade: 17 anos

Nível de escolaridade: Ensino Médio Incompleto

*Nas do início (do ano) viajei com minha família pro Ceará, aí eu fiquei aqui um tempo, também, umas duas, três semanas, e nas do meio eu fiquei aqui com ela. Pro Canadá. Eu acho que deve ser interessante assim, porque é um modelo de cidade diferente, assim, eu queria conhecer, eu acho que deve ser bem interessante assim. Eu acho que eu vou pro Rio Grande do Sul, eu acho. Eu conheço mais o Sudeste, né. Eu já fui pra Minas, vou muito pro Espírito Santo, fui pro Rio, já fui pra São Paulo, é, aí no Sul eu já fui pra só pra Porto Alegre, só. E no Nordeste, pra Bahia e pro Ceará. E fui pro Mato Grosso também. Pra fora eu já fui pra Europa, pros Estados Unidos, pra Argentina, pro Uruguai, pro Chile. Ah, agora mudou um pouco do meio do ano pra cá porque eu tenho feito pré-vestibular. Aí eu vou pra escola 8 horas, volto uma. Aí eu saio de casa uma e meia, assim, aí vou pro Alub lá, no pré-vestibular. Aí acaba umas 6 e meia. Eu pego o ônibus, devo chegar em casa 7 e meia. Aí às vezes eu vejo ela, às vezes eu fico em casa. Final de semana às vezes eu vou pra casa do meu pai, tipo, almoço com ele no domingo, assim, às vezes. Uma semana sim, uma semana não. Aí normalmente eu fico com ela. É, no cinema, tal. Ou fico lá em casa, sei lá. E às vezes eu vou pra fazenda do meu vô.*

**Participante 3**

Idade: 17 anos

Nível de escolaridade: Ensino Médio Incompleto

*É, eu viajei nas do início do ano, nessas eu fiquei aqui em Brasília mesmo. Eu fui pra Minas, e pra pra onde mais que eu fui? Eu não lembro, me deu um branco agora. Ou eu fui ... É uma fase da minha vida que eu não lembro. Eu sei que eu fui pra Minas, pra Três Corações, e eu acho que eu fui pra outro lugar, mas eu não estou lembrando agora pra onde. Pra onde eu gostaria de ir? Pra Europa. Na Europa eu queria... gostaria de conhecer grande parte dos países, assim. Sei lá, França, Itália. Eu gostaria de ir pro interior desses países, pra ver como que é a cultura. (no feriado de 7 de setembro) Provavelmente eu fui pro cinema. Acho que eu fui pro cinema, provavelmente. É o que eu faço. (nas próximas férias) Eu vou pro México, com as minhas amigas. Presente de 18. (pra onde você já foi no Brasil?) Eu vou mais pro Nordeste. Conheço muitos lugares no Nordeste. Principalmente Fortaleza e Recife, que eu tenho parentes lá. Mas eu já fui pro Rio, pra São Paulo. Eu já fui*

*pro Sul, não sei aonde, eu era muito nova. Minas. Eu acho que o Norte eu não conheço nada. Eu pretendo ir pra muitos lugares. Ah, pro Sul, tenho vontade de conhecer melhor o Sul, que quando eu fui era muito nova. Pra fora eu já fui pra Argentina, pros Estados Unidos, pro Paraguai, eu acho, acho que só. Eu de manhã vou pra escola. De tarde eu fico em casa. Aí no final da tarde, dois dias da semana, terça e quinta, eu faço balé. E de noite a maioria dos dias eu fico com ele. Eu vou pro cinema, eu como fora, só. Eu fico na casa da minha vó lá, pra sempre, fazendo nada.*

#### **Participante 4**

Idade: 48 anos

Nível de escolaridade: Ensino Médio Completo

*Hum num sábado eu levanto por volta de seis horas, seis e meia, vou fazer a feira, faço a feira da semana, volto, preparo o café da manhã e vou pro parque jogar futevôlei. Por volta de meio dia, uma hora, volto pra casa e fico por lá mesmo. De noite saio pro cinema com meus filhos. Nas próximas férias? Se tudo der certo queremos ir pra fora do país, se Deus quiser.*

#### **Participante 5**

Idade: 47 anos

Nível de escolaridade: Ensino Médio Completo

*O último feriado foi no sete de setembro, nós não saímos. Não saí dia sete de setembro não. Geralmente...festa, casamento. Muita festa, eu vou em muita festa, muito casamento...é raro o final de semana eu não ter o que fazer. Sexta-feira que vem eu já vou pro barzinho com a turma. Eu não fico um final de semana sem. Conheço Belém, já fui em São Paulo, já fui em Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, Minas conheço um monte de lugar, é isso. Rio Grande do Sul, que eu tenho vontade e também tenho vontade de ir no exterior o Estados Unidos só que é lá em Miami que eu tenho vontade de ir.*

#### **Participante 6**

Idade: 25 anos

Nível de escolaridade: Ensino Médio Completo



*Eu fui pros Estados Unidos. Nas próximas férias pretendo ir para a Europa, pra Espanha. A viagem dos sonhos é ir para a Califórnia de novo. No Brasil, já fui pra Fortaleza, Búzios, Maceió. No mundo, já fui pra Buenos Aires, Nova Iorque, São Francisco. Em Brasília eu vou para bares e restaurantes. E nos finais de semana eu costumo ir para o Parque da Cidade praticar atividades físicas, e, à noite, para bares e restaurantes.*

### **Participante 7**

Idade: 19 anos

Nível de escolaridade: Ensino Superior Incompleto

Curso: Direito

*No feriado de sete de setembro eu fui à casa da minha avó. Nas férias passadas fiquei em Brasília, mas nas próximas pretendo viajar... Sei lá, queria ir pra Nova Iorque. Essa é a minha viagem dos sonhos. Aqui no Brasil eu já fui, sei lá, pra Natal, Fortaleza. E já fui pra Disney.*

### **Participante 8**

Idade: 21 anos

Nível de escolaridade: Ensino Superior Incompleto

Curso: Letras – Português

*No último feriado? Quando foi o último feriado? Cara, o sete de setembro eu dormi... eu dormi o dia todo, eu li um livro, eu comecei a ler o livro *Desassossego* do Fernando Pessoa, aí eu fiquei deprimida, aí eu parei de ler. Aí eu passei o dia em casa...eu não lembro direito o que eu fiz, nossa pior que foi pertinho do meu aniversário, que meu aniversário foi no domingo, foi dia nove de setembro e foi dia sete o feriado. Não, eu andei de patins com as meninas, a gente foi ao parque da cidade, a gente ficou andando de patins a manhã toda, vendo a Maria cair. Todas elas caíram, todas elas levaram tombo, menos eu e depois eu fui pra casa e só. Geralmente eu vou ao cinema, cinema, teatro ou algum show que aparece. Eu já fui pra... minha família é do Nordeste, então, a gente sempre viaja pra lá e é sempre pro mesmo lugar. É pra Natal, que a família do meu pai mora lá. Só que meu pai e minha mãe são de São Rafael, uma cidade bem pequenininha do Rio Grande do Norte, que foi até alagada, é conhecida como Atlântida do Sertão, a gente vai pra lá. Caldas Novas, que é muito perto que minha mãe tem medo de avião, aí ela fica; filha vamos pra Caldas*

*Novas, Pirenópolis, pra perto, que dá pra ir de Ônibus ou de carro. Esse ano a gente foi para o Maranhão e Florianópolis que teve a Aneel. Morro de vontade de ir pro Chile.*

### **Participante 9**

Idade: 20 anos

Nível de escolaridade: Ensino Superior Incompleto

Curso: Engenharia de Computação

*Eu fui pra São Paulo ficar com a minha família de São Paulo. Aí depois minha namorada foi pra lá, ficou um mês comigo. A gente viajou pra praia, a gente foi passar o ano novo na praia. Aí depois ela voltou pra Brasília, eu continuei em São Paulo mais umas duas semanas. Fui na Campus Party com um pessoal aqui de Brasília mesmo que foi pra lá pra São Paulo. Aí depois eu fiquei duas semanas em Florianópolis passando o Carnaval. Não tem exatamente um lugar específico pra ir. (...) No feriado de sete de setembro eu tava organizando a Mustache Fashion Week, que é a semana de moda do bigode aqui, que a gente faz em Brasília. E aí na semana do dia sete a gente fez todo dia tinha um evento diferente e aí durante o feriado foi o baile de gala, que é o último evento do Mustache. Nas próximas férias, primeiramente eu vou pro TECO, que eu tô organizando o evento, né? Torneio de Engenharia do Centro-Oeste. E aí depois do TECO eu devo ficar uma semana aqui em Brasília, meio que curtindo as férias, pra... finalizando as coisas do evento, do TECO, que ocorre muitos problemas, normalmente. E aí depois eu devo pegar na última semana de férias e ir pra São Paulo porque vai ter o salão do automóvel, e aí a gente conseguiu um ônibus pela UnB lá do Gama. E aí eu vou pra lá e vou aproveitar pra ver minha família também. Não, não viajei na greve por causa do... da... não saber quando é que eu poderia voltar e gastar dinheiro com passagem de avião, esse tipo de coisa eu num num viajei na greve não. Pra mim o importante não é pra onde eu vou, mas o importante é ir com várias pessoas. Então eu acho que eu gostaria de ir prum lugar bem animado, tipo Ibiza assim, acho que é um lugar legal de ir com uma galera. Eu acordo de manhã, aí penso se eu vou pro trabalho ou não, aí se eu tiver que ir pro trabalho eu vou lá, trabalho uma hora e meia, assim, duas horas, aí volto pra UnB, aí começo a resolver coisas de vendas de pacotes, no... na FT que tem que... todo dia tem que ter aberto lá das 11 às 3. E aí fico vendo se tá vendendo, se num tá vendendo. Depois eu volto pra pro meu CA, fico fazendo meus trabalhos, minhas coisas, vou pras aulas. E aí se eu tento encontrar tempo, tem dia que eu vou malhar, tem dia que eu vou pro futebol americano. Tem dia que eu tenho aula cedo, aí*

*trabalho de tarde. Aí eu vou cuidar do site do Mustache Fashion Week, de vez em quando eu treino Rugby com o pessoal da UnB. Namoro, todos os dias, procuro encontrar minha namorada sempre. Aí saio pras festas que o pessoal chama, então, tipo evento, aniversário, esse tipo de coisa assim. E eu acho que basicamente é isso. Costumo ir nos finais de semana pra pra casa das pessoas. Não costumo ir pra festa nem balada nem nada assim. É aniversário de alguém, vamo pro bar comemorar. Ah, vai ter um encontro aqui em casa, vamo pra lá. É sempre um evento localizado assim na casa de alguém ou em algum lugar com pessoas focadas assim. Dificilmente eu vou prum show ou pruma coisa desse estilo.*

### **Participante 10**

Idade: 37 anos

Nível de escolaridade: Ensino Superior Completo

Curso: Letras Tradução

*Se um dia eu tiver férias, quero ficar um mês viajando pela Europa. Cidades? Não, nós vamos pra países. Quero desembarcar na França, conhecer a Itália e depois eu vou pra Rússia... Ixi, conheço o Brasil quase todo, meu pai é militar; mas o lugar que eu menos conheço é São Paulo, porque eu nunca fui à Capital. Final de semana? Ahh tenho que cuidar da casa, dos cachorros... Pro cinema de vez em quando, Outback.*

### **Participante 11**

Idade: 47 anos

Nível de escolaridade: Ensino Superior Completo

Curso: Segurança Pública

*No último feriado fiquei em casa. Na sexta-feira fui num casamento. Fico mais em casa. Quando sai ou vai no mercado ou vai na igreja...não sai muito não...mas eu prefiro ficar em casa. Brasil, em todas as cinco regiões: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste....já foram todas! Roraima, Boa-Vista, Manaus, Amazonas. Em Boa Vista morei lá de 92 a 94, morei em BV8 que é fronteira com a Venezuela. Fui lá. Fui em Santa Elena de Uairén, fui em Lethem, fui em.... nas fronteiras alí com a Guiana Inglesa e depois fui de transferência pra São João Del Rei, em Minas Gerais, morei em Manaus- Amazonas, morei em Brasília, onde eu moro, morei alguns tempos no Rio de Janeiro, uns períodos pra fazer curso, morei um período no Sul, em Cruz Alta, morei em...na Colômbia um ano, morei no Haiti oito meses. No mundo, aqui na América pra começar eu fui na Colômbia, fui na*

*Venezuela, fui no Peru, fui na fronteira de Peru, Brasil e Colômbia, fui na Argentina, em Buenos Aires, fui no Uruguai, no Paraguai, fui na Guiana Inglesa, no Suriname não lembro de ter ido não. Agora para cima, já fui no Panamá, já fui na Trindade Tobago, já fui em República Dominicana, no Haiti, já fui em Miami no Estados Unidos, em Washington nos Estados Unidos, já fui em.... Na África já fui na Tanzânia, já fui em Angola, já fui em outra cidade que não lembro o nome do país lá.... fui em 4 país da África. Acho que é Congo. Fui em mais um que não lembro agora. Já fui na China, já fui no Cazaquistão, já fui na Grécia, em Atenas, na República Tcheca, em Praga. Deixa eu ver mais onde eu fui.... Ah já fui em outros lugares aí que tenho que lembrar o nome. Alí em São Paulo tem Campos do Jordão. Campos do Jordão eu não cheguei a conhecer, quando a gente tava indo pra entrar lá na divisa a gente teve que voltar então eu ainda vou conhecer ainda.*

## **Participante 12**

Idade: 43 anos

Nível de escolaridade: Ensino Superior Completo

Curso: Fonoaudiologia

*Nas férias de Janeiro eu viajei, fui pra Rio de Contas, na Bahia. Depois pra Vitória da Conquista, só. Nas férias de julho eu não lembro. No feriado de 7 de setembro eu saí pra almoçar na Vila Planalto, num restaurante bem barulhento com música bem brega, e comemo traíra sem espinha. E depois eu acho que eu vim pra casa, fiquei aqui de boqueira. Pra onde eu sonho em ir? Ah, acho que pra Portugal. Pra onde eu já fui? No Brasil? Eu já fui pra Recife, pra Maceió, pra Salvador, aí Ilheus, Vitória da Conquista. já fui pra vários lugares do interior de São Paulo, Campinas, Penápolis, Araçatuba, Itanhaém, Santos. já fui pro Rio de Janeiro, já fui... não lembro, pra Guarapari, sei lá, pra São Paulo. Pra Foz do Iguaçu, no Paraguai, quer dizer, pra Paraguai, né, cruzando a fronteira por Foz do Iguaçu, e fui também pra, pros Estados Unidos, pra São Francisco. Em São Francisco? Que que eu visitei, tudo? Ah, passei pela Golden Gate. Fui no Golden Gate Park, que é um parque que tem lá, tipo o Ibirapuera. Andei pelas ruas, eu não visitei lugares históricos não, andei pelas ruas, fiquei hospedada no centro, comi nos restaurantes. Eu queria ir pra São Paulo, mas não vai dar, porque não vai ter férias, eu acho. Meu marido não vai ter férias e meu enteado vai tá em vestibular. Mas eu queria pelo menos passar uns dias lá, fazer minha tatuagem, e ver minhas amigas da escola. Pro Chile, pro Peru, pra Espanha, e acho que talvez vá pro Leste Europeu, pra Rússia, República Tcheca, Praga. Esses lugares assim que as pessoas*

*dizem que são massa. Ah, eu acordo mais ou menos às 8 e meia, nove horas. Tomo café. E se for terça-feira eu vou pra análise. Se for nos outros dias, fico em casa, ou às vezes vou fazer feira da semana. Aí almoço, tomo banho, vou pro trabalho. Não tenho hora pra entrar também não tenho hora certa pra sair, volto pra casa. Como. E aí às vezes, sem dia muito certo, sem horário muito certo, eu treino violão, faço crochê, faço tricô. E aí na sexta-feira à noite eu tenho aula, na SEAE. E geralmente na sexta à tarde e no sábado de manhã, eu preparo as aulas do sábado à tarde na SEAE. E no domingo, eu fico de bobeira. Geralmente fico em casa, sábado a gente vai pra SEAE, passo a tarde toda lá, e às vezes vai pra casa da minha irmã, casa de parente, ou sai pra comer, mas muitas vezes a gente fica em casa mesmo.*